

# > Do silêncio à ação: os chineses na França

Por **Ya-Han Chuang**, Instituto Nacional de Estudos Demográficos (INED), França, **Emilie Tran**, Universidade Batista de Hong Kong, e **Hélène Le Bail**, CNRS, CERI-Sciences Po Paris, França



Asiáticos nascidos na França em manifestação em Paris contra a injustiça racial anti-asiática. Crédito: Camille Millerand.

**A**ssim como em outros países da Europa Ocidental, como o Reino Unido e os Países Baixos, a história das comunidades chinesas na França remonta ao início do século XX. A presença precoce dos chineses está ligada a três fatores principais: colonização, o recrutamento de trabalhadores chineses durante a Primeira Guerra Mundial, e a permanência de estudantes no período entre guerras. Essa mobilidade inicial teve um impacto nas ondas recentes de migração: devido à renovação das antigas redes de migração a partir de 1978, Wenzhou na província de Zhejiang é hoje o principal local de origem dos migrantes chineses e seus descendentes na França. Além disso, um dos legados da colonização francesa é a presença de chineses ultramarinos do Sudeste Asiático que chegaram como refugiados do Camboja, Vietnã e Laos nas décadas de 1970 e 1980. Desde a virada do século, a composição da população de etnia chinesa na França tornou-se mais diversa em termos de locais de origem, rotas de migração e classe. A França se tornou o destino de um grande número de migrantes [do norte da China](#), especialmente de locais atingidos por

demissões em massa, em virtude da transição de uma economia planejada para uma de mercado na década de 1990. De um modo geral, o principal canal legal de entrada na União Europeia continua a ser o [visto de estudante](#). Na França, [estudantes chineses](#) são o segundo maior grupo de estudantes estrangeiros (9%), depois dos marroquinos.

A França tem uma das maiores populações da diáspora chinesa na Europa (estimada em cerca de 400.000 imigrantes e descendentes chineses, embora a França não tenha estatísticas étnicas oficiais); entre os estrangeiros residentes, os cidadãos da República Popular da China (RPC) são o [quinto maior grupo](#). Eles não são apenas diversos em termos de educação, emprego e status econômico (investidores ricos, comerciantes transnacionais, profissionais, estudantes, empresários e trabalhadores), mas, também, são diversos em termos de gerações, mobilidade e nível de participação na sociedade francesa. Defronte essa diversidade estão algumas características comuns, como a cooperação entre chineses étnicos do Sudeste Asiático e migrantes da República Popular da China (principalmente Wenzhou)



na esfera empresarial diaspórica e, mais recentemente, o surgimento de ações coletivas para denunciar questões de segurança e o racismo cotidiano.

## > Ação coletiva contra o racismo

A comunidade chinesa em Paris e seus subúrbios foram vítimas de roubos e pequenos crimes. Os chineses não são apenas considerados ricos – devido à concentração de negócios e celebrações chinesas, incluindo luxuosos banquetes de casamento, em bairros multiétnicos socioeconomicamente carentes – eles, também, são mais vulneráveis por causa de sua relutância em buscar ajuda policial após serem atacados e roubados. Para imigrantes sem documentos e pequenos empresários, o status precário e a indiferença em relação à política francesa historicamente fizeram [deles relutantes na busca por mobilização](#).

No entanto, na última década, em meio a crescentes preocupações e incidentes de segurança, a comunidade chinesa em Paris, antes conhecida como uma minoria silenciosa ou mesmo modelo, trabalhadora e discreta, organizou nada menos que cinco grandes manifestações para exigir proteção policial. Às vezes, eles têm sido apoiados pela embaixada chinesa com o fundamento de “[proteger chineses no exterior](#)”, uma prioridade do governo chinês, desde 2012, como forma de projetar seu poder onde quer que os interesses de seus cidadãos estejam em jogo. As cinco instâncias de ação coletiva diferem em seu padrão de mobilização: três foram massivas manifestações de rua; uma foi uma associação de empresários transformada em um grupo de pressão (fracassada); e a última foi uma combinação de motins de rua e comícios pacíficos. As mobilizações geralmente ocorriam para evidenciar a falta de segurança experimentada pelos residentes e comerciantes chineses em um determinado bairro, e demandavam em comum: aumento do número de patrulhas policiais no bairro; fortalecimento da punição para os infratores; e facilitação do procedimento para permitir que as vítimas chinesas apresentem queixas à polícia.

[O protesto nas ruas, em 2016, em decorrência do assassinato de um trabalhador chinês no subúrbio de Paris](#) marcou um ponto de mudança, com a segunda geração assumindo um papel mais ativo. [Chineses nascidos na França remodelaram as demandas](#) para enfatizar o racismo estrutural que está por trás da violência contra chineses étnicos ou outros asiáticos. Embora o ativismo chinês e os movimentos sociais pan-asiáticos sejam estudados há muito tempo na América do Norte ou na Austrália, é um novo foco de pesquisa na Europa. No caso francês, pode-se destacar três tipos principais de ações lançadas pelos franceses chineses, todas relacionadas a representações

estereotipadas e à busca de reconhecimento: (1) coleção e transmissão de uma memória coletiva; (2) mobilização contra a violência direcionada; e (3) [ativismo cultural](#) para desconstruir representações estereotipadas de asiáticos e modificar essas representações.

Para entender as ações recentes de chineses franceses nascidos na região, é necessário voltar aos anos 2000 quando as redes sociais online começaram a se espalhar, oferecendo um espaço para a transformação de experiências individuais em coletivas. Em particular, muito foi compartilhado sobre experiências de microagressões comuns e formas veladas de insultos racistas. Os chineses franceses começaram a criar fóruns e grupos de discussão – especialmente no Facebook, e mais tarde no WeChat e no Twitter – onde podiam compartilhar suas experiências, principalmente em francês, às vezes misturado com chinês ou outras línguas asiáticas.

O “ativismo cultural” que se desenvolveu depois de 2016 também usa, principalmente, ferramentas online, como vídeos curtos, blogs, canais do YouTube, séries na web e podcasts, permitindo novas oportunidades de encontros entre asiáticos nascidos na França a partir das esferas artística e midiática. Desde 2016, muitos têm contribuído para construir uma identidade coletiva e advogar contra o racismo anti-asiático na França. Alguns tentam conectar suas ações com as reivindicações de outras minorias (como o podcast de Grace Ly, [Kiffe ta race](#), criado com a conhecida Afrofeminista Rokhaya Diallo; ou a participação de franceses asiáticos nos protestos *Black Lives Matter*) buscando neutralizar as tensões interétnicas. Outras questões étnico-raciais cruzadas com questões de gênero: desconstruindo a erotização das mulheres asiáticas, bem como a dessexualização dos homens asiáticos.

Em 2020, a COVID-19 forneceu à China uma oportunidade única de encenar uma campanha internacional de diplomacia pública, mobilizando o apoio dos chineses no exterior para transmitir o que chama de “história real da China”. Resta saber se e em que medida a RPC busca explorar a recente onda de ativismo étnico chinês contra o racismo anti-asiático desencadeado pelo surto de COVID-19. Ainda mais interessante seria comparar como os chineses étnicos da primeira, segunda e terceira gerações reagem às tentativas de alcance e mobilização transnacionais da pátria mãe. ■

Contato com:  
Ya-Han Chuang <[ya-han.chuang@ined.fr](mailto:ya-han.chuang@ined.fr)>  
Emilie Tran <[emilietran@hkbu.edu.hk](mailto:emilietran@hkbu.edu.hk)>  
Hélène Le Bail <[helene.lebail@sciencespo.fr](mailto:helene.lebail@sciencespo.fr)>